

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: Antropólogos

Data: 17/02/92

Pg.: 107

ENTREVISTA/Darrel Posey

"O MUNDO DEVE OUVIR OS POVOS TRADICIONAIS"

● **BELÉM** — Em 1986, o etnobiólogo norte-americano Darrell Addison Posey, 43 anos, doutor em antropologia, pesquisador do Museu Emilio Goeldi, esteve ameaçado de ser expulso do Brasil, enquadrado nos rigores da Lei dos Estrangeiros. A justiça brasileira tentava banir esse estudioso da ciência dos índios Caiapó por ter levado aos EUA os caciques Paulinho Paíacan e Cube-I — que denunciaram ao Banco Mundial os danos que a construção da hidrelétrica de Cararaó, no rio Xingu, iria causar às terras indígenas. Posey acabou não

sendo expulso (o processo foi arquivado) e agora, às vésperas da Rio-92, passa a reforçar o time escalado pelo secretário do Meio Ambiente, José Lutzenberger, para atuar na articulação com as Organizações Não-Governamentais do Brasil e do exterior. Presidente da Sociedade Internacional de Etnobiologia, Posey aposta numa mudança do conceito mundial de riqueza, que tornaria o Brasil um dos países mais ricos do planeta: "Os povos indígenas já conhecem bem essa biodiversidade que todo o mundo científico e político quer dominar".

Ronaldo Brasiense

A imagem ambiental do Brasil melhorou no exterior, no governo Collor?

— Há 10 anos havia mais radicalismo do governo. Qualquer pessoa que abria a boca para falar sobre ecologia era apontada como contrária aos interesses do Brasil. Os índios que falavam em defesa de suas nações, em defesa da natureza, eram apontados como inimigos do Estado. Isso mudou, com certeza. Mudou inclusive a consciência do próprio brasileiro, o que é mais fundamental. Graças à atuação de várias pessoas fazendo palestras lá fora, inclusive o professor Lutzenberger, chegou a hora também do Brasil cobrar do outro lado. Estamos todos cansados de chegar na Europa, nos Estados Unidos e no Japão e escutar as críticas de que o Brasil destrói a natureza, quando sabemos

muito bem que os países que estão causando as mudanças climáticas e cujos mercados estão comprando são os industrializados. Chegamos a um momento em que o brasileiro está começando a entender o debate ecológico. Era impossível para os políticos falar sobre ecologia, porque eles já haviam decidido que essa palavra era um palavrão e que os ecologistas eram pessoas inimigas. Não havia diálogo. Hoje o Brasil pode dizer que se todos os países querem resolver os problemas climáticos, os industrializados devem resolver seus problemas também.

— Qual será a postura do Brasil na Rio-92?

— Lá fora, na Europa e EUA, eles querem acreditar no presidente Collor e acreditam em Lutzenberger, sem dúvida. Mas agora vai chegar a hora da verdade. Qual vai ser a posição do Brasil na

Rio-92? Será apenas o anfitrião? Não. O Brasil tem que assumir uma posição de um país grande, importante, que já tem uma riqueza biológica e cultural com que poucos países podem competir. E existe a possibilidade de uma liderança diplomática, a partir de uma consciência ecológica no País, de sua tradição cultural antiquíssima e de um grande líder e pensador chamado José Lutzenberger.

— O senhor foi ameaçado de expulsão do Brasil no governo Sarney, acusado de denegrir a imagem do país no exterior. Agora o senhor vai trabalhar com o secretário Lutzenberger. Qual será a sua missão?

— Eu não mudei nada e não vou mudar. O

meu papel principal na

vida é o de abrir espaços

— como naquela época

em que abri espaços para

os caciques falarem nos

EUA. Minha missão

será a de abrir espaços

para os verdadeiros brasileiros

falarem não apenas em

Brasília, mas também no exterior,

expondo suas idéias. O meu sonho — e eu

sou um otimista — é que depois de 500 anos o homem branco, que domina essa sociedade, reconheça a riqueza cultural e biológica que as sociedades tradicionais dominam. E a partir daí haja um novo conceito de riqueza, que não seja apenas tecnologia e dinheiro no banco, mas uma maneira de preservar a diversidade biológica e preservar os conhecimentos milenares dos povos tradicionais. Aí um país como o Brasil virará um dos países mais ricos do mundo.

— O que está faltando para que isso ocorra?

— O que está faltando é acertar a maneira de dividir a concentração de riqueza e abrir espaços para a sobrevivência desses povos tradicionais. Acho que isso vai ser debatido na Rio-92.

— Na Semam o senhor vai tratar diretamente com as ONGs internacionais. Como será esse contato? Ecologia virou moda?

— Ecologia virou moda, sim. E isso até certo ponto está atrapalhando. Há pessoas exploradoras, aproveitadoras, incluindo grupos não-governamentais que estão só querendo pegar a onda. Os grupos sérios, então, têm dificuldades para angariar recursos. Essa explosão de grupos não-governamentais acaba criando, portanto, uma eficiência invertida na preservação da natureza. Há ONGs que têm orçamento maior do que o da Semam. Como pode a Secretaria de Meio Ambiente de um dos maiores países do mundo ter um orçamento menor do que um grupo não-governamental do exterior? É uma coisa completamente louca. Muitos desses grupos conseguem captar recursos lá fora que deveriam chegar às comunidades e não chegam. Acaba cada grupo competindo com outro em vez de ter uma missão unificada.

— Na sua visão pessoal, o que vai acontecer na Rio-92?

— A Rio-92 é o final de um processo de muitos anos. É fácil criticar esse processo, porque os países industrializados não querem discutir de fato como melhorar a situação ambiental do planeta. Isto, porque sabem claramente que a única maneira de resolver o problema é modificando totalmente a maneira de viver, o que significa que têm de ser muito mais eficientes. E, no Terceiro Mundo, as pessoas que querem discutir não representam o povo. Na grande maioria desses países não existe democracia. Muitos querem receber recursos para manter seus governos, que são inclusive exploradores do povo. De interessante, a Rio-92 vai ter a Agenda 21, uma lista de prioridades para organizar a ONU no próximo século. Das convenções e na Carta da Terra vai sair muita coisa bonita, mas que não terão nenhum

peso. Acho que o resultado mais concreto será o aumento da consciência.

— E o papel da mídia na Rio-92, qual será?

— Estamos esperando de 2,5 mil a três mil jornalistas, e isso é muito importante. Temos também um projeto de conscientização das crianças do mundo, que representam as futuras gerações. E temos que ouvir os povos tradicionais, que já têm as soluções que nunca foram reconhecidas.

— Índio preserva a floresta?

— O sistema tradicional de manejo dos índios preservava, respeitava a floresta e todos os tipos de ecossistemas, conservando a diversidade biológica. Hoje

existem problemas como em todas as comunidades do planeta, pois a população mundial está crescendo muito, e o consumismo aumenta rápido. A partir dessas mudanças, é cada vez maior a pressão sobre as áreas que antigamente eram

fáceis de preservar, pois eram muito isoladas. Os índios também não conseguem mais viver isoladamente. Fazem contato com o homem branco e, às vezes, entram no mercado por necessidade. Então, ele observa: se existe mercado apenas para ouro, gado e mogno, ele também vai explorar ouro, gado e mogno.

— Os índios vêm provocando danos à natureza, então?

— Mesmo quando envolvidos nessas atividades, eles ainda provocam danos menores que o modelo de desenvolvimento do branco.

— O que o homem branco, dito civilizado, tem a aprender com os índios?

— Muito, a partir do reconhecimento de que os índios conhecem as variações enormes da Amazônia sobre diferenças microclimáticas, microecológicas, sua

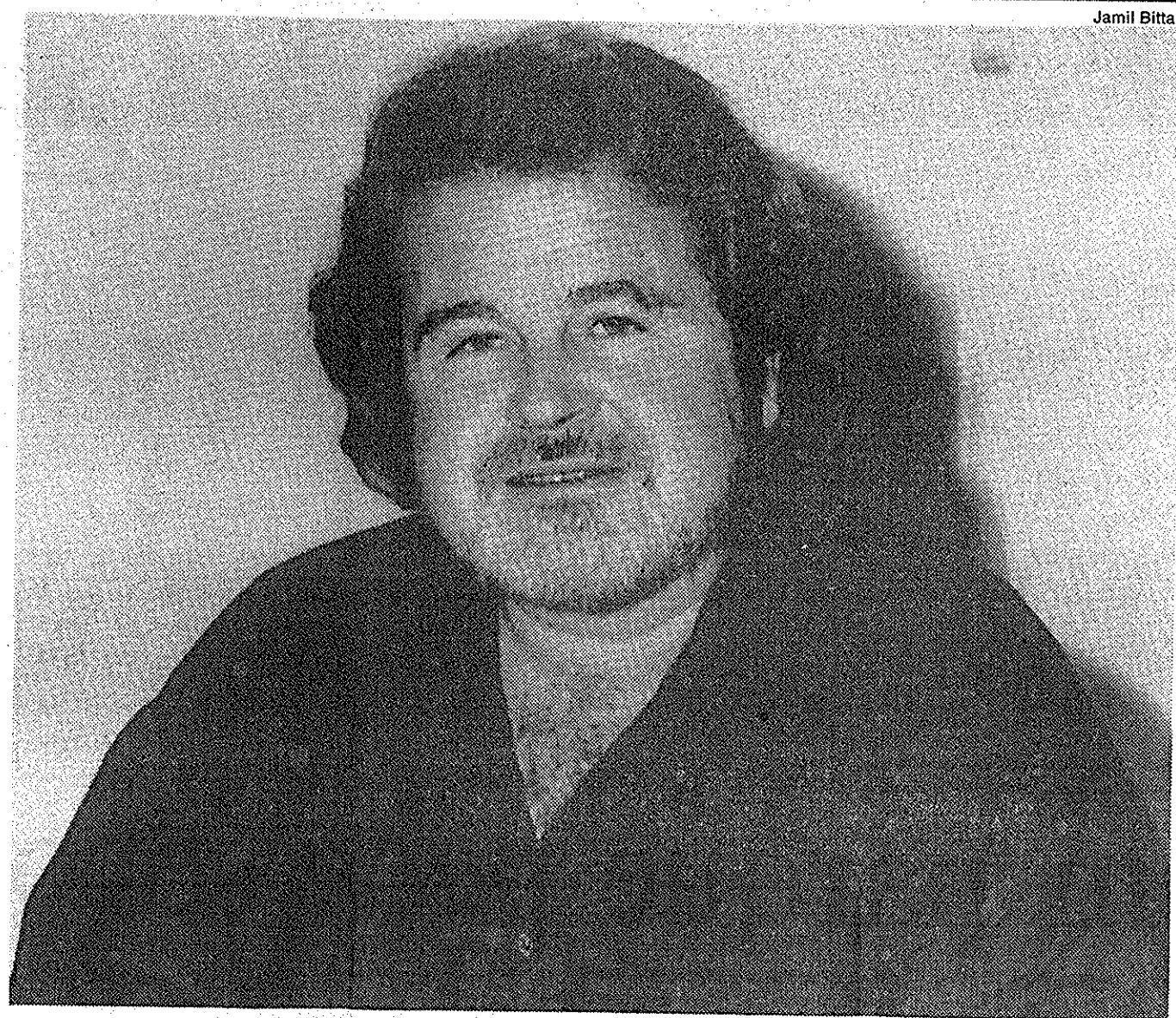
biodiversidade. Os povos indígenas — e eu incluíria os caboclos, os pescadores, os quilombos — reconhecem as pequenas diferenças e essa diversidade biológica que todo o mundo científico, tecnológico, político diz que quer saber, quer aprender. Os povos indígenas já sabem disso. Temos que aprender com esses povos como eles reconhecem a classificação de ecossistemas e as inter-relações existentes entre eles.

— Os índios conhecem a biodiversidade amazônica?

— Os índios entendem sobre o uso das plantas e dos animais. Nós estamos destruindo, na Amazônia — e o mesmo

ocorre na África e na Ásia —, 98% de todas as espécies e explorando apenas 2% que têm valor econômico. É uma coisa completamente estúpida já que estes 98% não são plantas desconhecidas, não são plantas que ninguém sabe usar. Ao contrário: a

gente já sabe através de pesquisas etnológicas e etnobotânicas que há aproveitamento de mais de 75% dessas espécies. Há mais ou menos 180 grupos indígenas na Amazônia e cada grupo tem uma maneira de utilizar a natureza. São 180 ciências diferentes, 180 sistemas históricos de consciência e de prática de milhares de anos de experiência acumulada. Para isso nunca se deu valor e os índios são considerados apenas barreiras ao desenvolvimento, sendo um povo que tem a solução que a gente busca. Fala-se que na Rio-92 todos devem aprender como utilizar a floresta. Os índios já sabem. Os Caiapó, por exemplo, utilizam 98% das plantas de suas aldeias. Cada uma dessas plantas tem pelo menos uma forma de uso, e algumas têm até mais de 30.



Jamil Bittar